



DO EVANGELHO AOS EVANGELHOS

Introdução aos Evangelhos

INTRODUÇÃO

Os Evangelhos são como que o coração das Sagradas Escrituras, pois apresentam diretamente a vida, os ensinamentos, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Por isso, o Concílio Vaticano II afirma que os Evangelhos são “o principal testemunho da vida e da doutrina do Verbo Encarnado, nosso Salvador” (*Dei Verbum*, 18), e o Catecismo da Igreja Católica recorda que eles são “o coração de todas as Escrituras” (CIC 125).

Entretanto, para compreender corretamente os Evangelhos, é importante perceber que eles não surgiram de forma imediata. Antes dos livros que hoje conhecemos como Evangelho segundo Mateus, Marcos, Lucas e João, existiu aquilo que os primeiros cristãos chamavam simplesmente de “Evangelho”: a Boa-Nova anunciada por Jesus e proclamada pelos Apóstolos.

O estudo da passagem do Evangelho aos Evangelhos permite compreender como a Igreja primitiva conservou, transmitiu e colocou por escrito a memória viva de Jesus Cristo, garantindo que as futuras

gerações pudessem conhecer com fidelidade sua pessoa e sua mensagem.

1. SIGNIFICADO DA PALAVRA EVANGELHO

A palavra “Evangelho” deriva do termo grego *euangelion* (εὐαγγέλιον), formado por duas palavras: *eu* (“bom”) e *angelion* (“mensagem”, “anúncio”). Seu significado é, portanto, “boa notícia”, “boa nova” ou “bom anúncio”.

Nos Evangelhos, o próprio Jesus utiliza essa linguagem ao iniciar sua pregação: “Completo-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15).

Originalmente, o termo não designava um livro, mas a mensagem anunciada por Cristo e proclamada pelos Apóstolos. Evangelho era, antes de tudo, a notícia da salvação realizada por Deus em Jesus Cristo, morto e ressuscitado para a redenção da humanidade (cf. 1Cor 15,1-5).

Somente mais tarde, quando essa mensagem começou a ser colocada por escrito, a palavra passou a designar também os livros que conservavam o testemunho sobre a vida e a missão de Jesus.

2. DA PREGAÇÃO DE JESUS AOS EVANGELHOS ESCRITOS

O Catecismo da Igreja Católica distingue três etapas fundamentais na formação dos Evangelhos (cf. CIC 126).

A *primeira etapa* corresponde à própria vida e aos ensinamentos de Jesus. Durante seu ministério público, o Senhor anunciou o Reino de Deus, realizou sinais, ensinou os discípulos e reuniu ao seu redor aqueles que seriam testemunhas privilegiadas de sua missão (cf. Mc 3,13-19).

A *segunda etapa* foi a tradição oral. Após a ressurreição e o envio do Espírito Santo (cf. At 2,1-13), os Apóstolos começaram a anunciar aquilo que haviam visto e ouvido (cf. At 4,20). A pregação apostólica conservou fielmente as palavras, os gestos e os acontecimentos mais importantes da vida de Jesus.

A *terceira etapa* corresponde à redação dos Evangelhos escritos. Inspirados pelo Espírito Santo, os evangelistas reuniram as tradições recebidas, selecionaram os materiais mais importantes e os organizaram de acordo com as necessidades pastorais das comunidades cristãs.

Desse modo, os Evangelhos nasceram no interior da vida da Igreja e são fruto da ação conjunta da memória apostólica e da inspiração divina.

3. POR QUE OS EVANGELHOS FORAM ESCRITOS?

Os Evangelhos surgiram em resposta às necessidades concretas das primeiras comunidades cristãs.

A primeira necessidade era *litúrgica*. As comunidades reuniam-se regularmente para celebrar a Eucaristia e necessitavam de textos que recordassem as palavras e os feitos de Jesus para serem proclamados durante as celebrações (cf. At 2,42).

A segunda necessidade era *catequética*. À medida que novas pessoas aderiam à fé cristã, tornava-se indispensável transmitir de forma organizada os ensinamentos do Senhor (cf. Mt 28,19-20).

A terceira necessidade era *missionária*. A expansão do cristianismo exigia instrumentos que ajudassem os missionários a anunciar o Evangelho em regiões cada vez mais distantes do mundo mediterrâneo (cf. At 1,8).

Além dessas necessidades pastorais, havia outras razões importantes. Os Apóstolos e as primeiras testemunhas estavam envelhecendo ou sofrendo perseguições. Era necessário conservar para as gerações futuras a memória autêntica de Jesus. Também surgiam interpretações incorretas ou relatos distorcidos, tornando necessária uma apresentação fiel da tradição apostólica (cf. Lc 1,1-4).

4. PODE-SE CONFIAR NOS EVANGELHOS?

Desde os primeiros séculos, a Igreja reconheceu os Evangelhos como testemunhos autênticos da vida e da mensagem de Cristo. Essa confiança apoia-se em vários fundamentos.

Em primeiro lugar, porque os Evangelhos nasceram no interior da comunidade apostólica e foram reconhecidos pelas próprias Igrejas fundadas pelos Apóstolos.

Em segundo lugar, porque estão ligados direta ou indiretamente à autoridade apostólica. Mateus e João pertencem ao grupo dos Doze. Marcos transmite a pregação de Pedro. Lucas apresenta-se como pesquisador cuidadoso das tradições recebidas das testemunhas oculares (cf. Lc 1,1-4).

Em terceiro lugar, porque a Igreja sempre reconheceu neles a ação inspiradora do Espírito Santo. Conforme ensina São Pedro: “Movidos pelo Espírito Santo, falaram homens da parte de Deus” (2Pd 1,21). E São Paulo afirma: “Toda Escritura é inspirada por Deus” (2Tm 3,16). Por isso, a Igreja professa que os Evangelhos transmitem fielmente aquilo que Deus quis comunicar para nossa salvação.

5. OS EVANGELHOS CANÔNICOS

A Igreja reconhece quatro Evangelhos canônicos: Mateus, Marcos, Lucas e João. Desde os primeiros séculos, os Padres da Igreja defenderam a existência desses quatro Evangelhos e somente desses quatro.

Santo Irineu de Lião, no final do século II, argumentava que, assim como existem quatro pontos cardeais e quatro ventos principais, também a Igreja recebeu quatro Evangelhos que apresentam, sob perspectivas complementares, o único Cristo.

Embora diferentes em estilo, estrutura e destinatários, os quatro Evangelhos possuem a mesma finalidade fundamental: conduzir os homens à fé em Jesus Cristo.

6. OS EVANGELHOS SINÓTICOS

Entre os quatro Evangelhos canônicos, Mateus, Marcos e Lucas apresentam uma proximidade tão grande de conteúdo e estrutura que recebem o nome de Evangelhos Sinóticos.

O termo deriva das palavras gregas *syn* ("junto") e *opsis* ("visão"), significando "visão conjunta". Essas semelhanças levantaram importantes questões sobre a origem e a composição desses escritos, tema que será aprofundado no capítulo seguinte.

7. O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

O Evangelho de João apresenta características próprias e distintas dos Sinóticos. Sua linguagem é mais teológica e reflexiva, privilegiando longos discursos e uma interpretação mais profunda da identidade de Jesus.

Tradicionalmente é considerado o mais tardio dos Evangelhos, provavelmente redigido entre os anos 90 e 100 d.C. Seu objetivo é explicitamente declarado pelo próprio autor: “Estes foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome” (Jo 20,31).

8. O FRAGMENTO MAIS ANTIGO DOS EVANGELHOS

Um importante testemunho da antiguidade dos Evangelhos é o chamado Papiro Rylands (P52), conservado atualmente na Biblioteca John Rylands, em Manchester.

Datado aproximadamente do ano 150 d.C., ele contém alguns versículos do capítulo 18 do Evangelho de João (cf. Jo 18,31-33). Trata-se do mais antigo fragmento conhecido de um manuscrito do Novo Testamento.

Sua existência demonstra que o Evangelho de João já circulava amplamente poucas décadas após sua redação, confirmando a rápida difusão dos escritos cristãos nas comunidades do século II.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

O percurso que conduz do Evangelho aos Evangelhos manifesta a ação providente de Deus na história da salvação. A Boa-Nova anunciada por Jesus foi acolhida pelos discípulos, transmitida pelos Apóstolos e finalmente colocada por escrito sob a inspiração do Espírito Santo.

Os Evangelhos não são simples biografias de Jesus nem relatos históricos no sentido moderno da palavra. São testemunhos de fé elaborados pelas primeiras comunidades para anunciar que Jesus de Nazaré é o Cristo, o Filho de Deus e o Salvador do mundo (cf. Jo 20,31).

Ao mesmo tempo, constituem documentos historicamente confiáveis, profundamente enraizados na tradição apostólica e reconhecidos pela Igreja desde os seus primórdios. Por isso, permanecem como a principal fonte para o conhecimento da pessoa de Jesus e como norma permanente para a vida cristã.

Toda leitura do Novo Testamento encontra nos Evangelhos seu ponto de partida e sua referência fundamental. Neles ressoa continuamente a voz daquele que continua a chamar seus discípulos de todos os tempos: "Segue-me" (Mc 2,14).

Entre os quatro Evangelhos canônicos, três deles apresentam uma relação particularmente estreita. Mateus, Marcos e Lucas compartilham numerosos relatos, ensinamentos e estruturas narrativas, permitindo uma leitura comparativa de seus textos. Essa proximidade deu origem ao que os estudiosos chamam de "Questão Sinótica", um dos temas mais importantes da Introdução ao Novo Testamento. No capítulo seguinte, estudaremos precisamente a origem, as características e as relações existentes entre os chamados Evangelhos Sinóticos.

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi